

Projeto de casa

Foi para outro dia não o ter encontrado em S. Brás de Alportel.  
Eu que levava na bagagem o branco da cal a altura das figueiras  
e o azul do céu para o ajudar a pintar a sua nova casa e talento.  
Mas fico entusiasmado por o saber: primeiro, no Sul, - sou um  
apaixonado desde criança pela luz suas árvores pequenas e sensualidade  
do Algarve; depois pela sua "desiludida alegria" ao anunciar novos  
desenhos, pintura, paixão.

Para o Museu do Coração, adquiro já toda a sua disposição  
em desenhar!

Pago em gotas de luz.

Se me permite, um dia visita-b.-si, numa das muitas quase  
mensais idas a Lisboa.

Vernameiro

Paulo Leite de Oliveira

Outubro 1983.

UNIVERSIDADE DE EVORA	
Arquivo FCS	01.256

Carlos Couto de Oliveira  
Rua D. Bosco, Lote 11-4-A  
2765 Monte Estoril

**CODIGO  
POSTAL**



Ex<sup>mo</sup> Senhor

**O  
CODIGO  
POSTAL**  
faz  
parte  
da sua  
direcção



Arthur do Rego Seixas  
Residencial S. Brás

Rua Luis Givar 27

8150 S. Brás de Alportel

01-256

Estimado amigo,

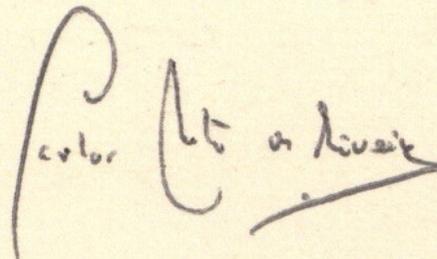
Apenas a encantar-me a mim próprio com a esperança de continuar a receber o seu correio (sempre cheio de árvores). Assim, meu líquido amigo, mudei os sapatos, outra a caverna, outras as mãos. Os haveres, esses são teimosamente os mesmos: andam connosco, cabem dentro do bolso do casaco e já não sei se encantam se desencantam — as nossas palavras.

Desta sorte, a minha nova morada é: Urbanização da Portela, Lote 92 - 4.º DTO - Portela de Sacavém; 2685 SACAÉM

Que as gavetas do nosso guarda-fato de mar se encham. E que, o meu amigo de cristal, continue a comer-me com as suas notícias. Sempre redondas, celestes, maternais.

Seu, nosso,

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo FCS	01.256.01

color  a nível

CONHEÇA A SUA  
POESIA

16

[ADEUS AOS MARINHEIROS  
EM «OS LUSÍADAS»]

Qual vai dizendo: «Ó filho, a quem eu tinha  
Só para refrigério e doce amparo  
Desta cansada já velhice minha  
Que em choro acabará, penoso e amaro,  
Porque me deixas mísera e mesquinha,  
Porque de mim te vás, ó filho caro,  
A fazer o funéreo enterramento  
Onde sejas de peixes mantimento?»

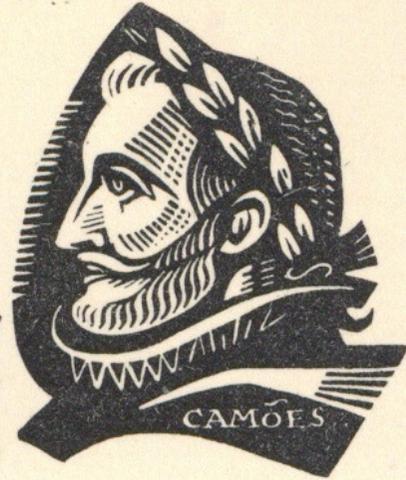
Qual em cabelo: «Ó doce e amado espôso  
Sem quem não quis Amor que viver possa,  
Porque és aventurar ao mar iroso  
Essa vida que é minha e não é vossa?  
Como por um caminho duvidoso  
Vos esquece a afeição tão doce nossa?  
Nosso amor, nosso vão contentamento  
Quereis que com as velas leve o vento?»

LUIS DE CAMÕES

(Séc. XVI)

BILHETE  
POSTAL  
PORTUGAL-CORREIO

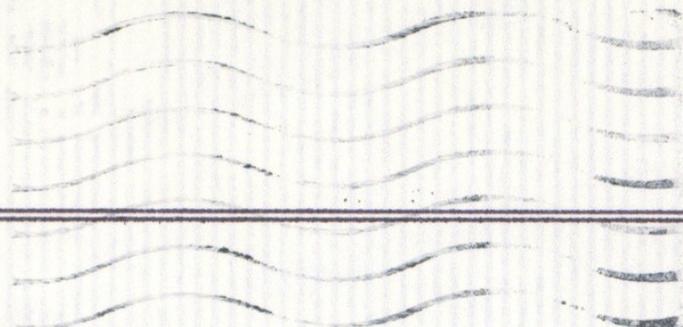
\$30



REMETENTE

*JA Respondei*

01.256.01



AVENÇA



D. G. C. I. — Mod. 3-F

S.  R.

Exmo. Sr.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

---

DIRECÇÃO — GERAL  
DAS  
CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

---

DO CHEFE DA  
REPARTIÇÃO DE FINANÇAS  
DO CONCELHO DE

**Avenida Ultramar, 3-5**  
**Edifício VIMAR**

---

**2750 CASCAIS**  
**Telef. 28 08 89 - 28 08 86**

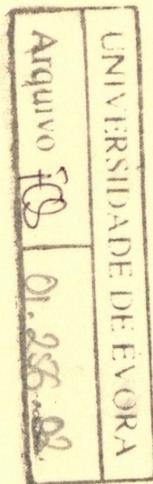
----- *Artur Cruzeiro Seixas* -----  
Caverna

----- *Sítio da Calçada - CERRITO* -----

----- 8150 ----- S. Bras de Alportel -----

Cujão Seixas

J. Seixas num restaurant  
onde se divorciou 15-3-89



\* Mesa Junto à Janela.

Meu querido amigo Guguinho de Jesus

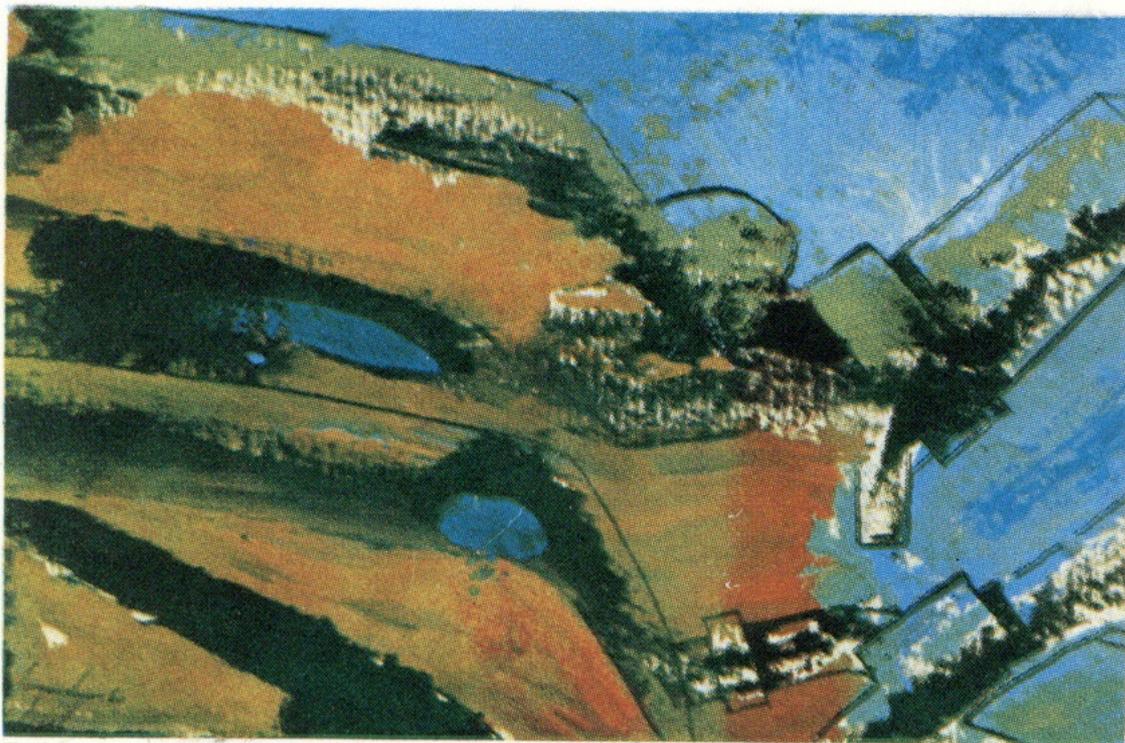
Não quero interromper o seu almoço,  
com o Dr. Lima de freixo.

Por quando sair venha dar um  
alago a este seu construto  
de Aracília do Que.

Respeitosamente

P. de Jesus

# RIO ARADE



Carlos Mota de Oliveira

## OBRAS DO AUTOR

- Isabearcoirisdovinho e os cavalos azuis  
que lêem poemas de Andrade

\* Lisboa, Edição de Autor, 1973

- As Derradeiras Narrativas ou o Amor  
na cidade de Mariateresadepoisdemim

\* Lisboa, Edição de Autor, 1976

- Anjos

\* Editora Oiro do Dia, Porto, 1980

- Companheiros

\* Editora Lua Vaga, Lisboa, 1980

- Rio Arade

\* Lisboa, Edição de Autor, 1989

## A PUBLICAR

- Na enseada da tarde

- Sete ensaios literários e um ensaio militar

RIO ARADE

1

UNIVERSIDADE DE EVORA

Arquivo

FCB

01.256.03

PRIMEIRA PARTE

Caríssimo Amigo,

Um texto belíssimo e  
na capa um belíssimo  
trabalho seu. E nesta comuna  
alguns erros imperdoáveis.

Que fazer? Retirá-lo?

Endividei-me com a sua  
publicação, andei longe

(o guardanapo em que  
lhe escrevo anuncia o  
mistério) e não  
acompanhei o trabalho de  
alguns amigos. Falharam,  
quase.

Que perda o meu amigo  
por ter embarcado comigo  
neste Rio Arade. Que  
significado ganha toda a  
nossa delicadeza?

  
**SAMOS HOTEL**  
**SAMOS**  
TEL: 28377

Certo que sentirá Rio Arade com a  
ternura em que sempre envolveu o  
meu trabalho poético.  
É desejoso de olhar esse seu  
livro - album.

E a nossa ternura

UNIVERSIDADE DE ÉVORA  
ARQUIVO FCS | 01.256.03

Luís Albuquerque

## PRIMEIRO CAPÍTULO

Setembro a Setembro o vermelho mostra-se menos vivo, os estames levam aos ombros a sua vida marítima e é mais arriscada a pesca do pólen. As flores precipitam-se uma a uma e levam um pouco do céu com elas. E o seu perfume já não manda recados quando toda a ribeira sai a tomar sol.

Estas árvores de fruto são o mo-

biliário de Pera e à entrada da aldeia põem todo o viajante em sobressalto. É fácil ouvir, de tarde, os sonhos contados por elas. E há sempre alguma que sossega as outras com histórias que atingem grandes distâncias: uma viveu na residência de um mandarim, outra acha-se mais bela que uma porcelana branca, outra sabe a idade de Tavira. Daqui claramente se começa a deixar a ribeira de Pera e a olhar a

parte mais alta da aldeia. O vento azula a torre da igreja e uma gota de branco polvilha os telhados que parecem entorpecidos mas onde as telhas não perdem o seu ar de escamas à vista do mar. O sol descansa numa e noutra casa dando-lhe ora um ar de raia pintada, quando atinge a maior intensidade, ora o ar de uma moreia, quando o dia entardece. Outras vezes aparece distraído no

céu e as casas assemelham-se a um cardume de solhas.

É doce e feminino chegar a este mar de peixes caiados, a esta grande maré de telhas salpicadas de ouro.

A rua Infante D. Henrique é uma mistura de substâncias muito intensas: o perfume deixado por algumas folhas, o cheiro do azul e ainda o de uma ou outra gota de luz. Perto de casa esta mistura deixa um aroma que dá ao

portão uma cor delicada e uma alegria comovente.

As escadas da casa têm um sabor açucarado e os pés quando as sobem, descem ao fundo do mar. Pescoço delgado, olhos grandes, bico curto e de leves asas, pareço um navio a ancorar num porto destinado a alojar os sentidos.

A entrada da casa desejada é aquela que nos faz preferir a liberdade a todas as coisas. A calçada no corredor polvilha o chão

de minúsculos grãos de branco. E as aranhas, uma vez aberta a janela da sala, espalham-se por todo o tecto fugindo da claridade com a maior prudência e habilidade.

Adormecida e menos resistente, a mesa da cozinha requer mais luz e melhores pastagens. No inverno, a solidão e o silêncio flutuam pelo seu tampo. Porém, no verão, há ondas e bagos de sol.

A saudade é agora de pequena

corpulência, cabeça leve, focinho doce. E a alegria é do tamanho de uma garça: as asas, o pescoço, a cabeça e o peito são brancos e cinzentos.

Deixa-se aproximar a açoteia. Ave veloz e ligeira, olhos penetrantes, voo rápido, asas caiadas e bico azulado, a açoteia tem a primazia entre os demais espaços da casa.

As escadas até ela são folhas simples, transparentes, umas vezes brancas, outras coloridas. Subo-as

e os meus cabelos são uma haste loira, aguçada, e servem para segurar o peso do encanto.

O coração deve retirar-se o mais cedo possível de cima do seu próprio encanto: rebenta, cresce, floresce, frutifica e é capaz de desmaiar para subir de novo as escadas.

Não é fácil conhecer a idade deste fascínio.

Fora da açoteia, uma forte crise colorida sacode-me as roupas. E

enquanto desço as escadas, o branco que subira comigo agarra-se de novo aos degraus.

## SEGUNDO CAPÍTULO

A porta do quarto dá cachos de flores azuis, em forma de lua, que duram todo o verão. As folhas são esverdeadas e carregadas de luar. À volta da fechadura existem medronheiros e arbustos e entre eles há um caminho arredondado por onde entra apenas um feixe de luz. Algumas vezes o vento, num repouso quase absoluto, deixa-se levar como as pequenas aves nas

margens dos rios e acaba por entrar no quarto.

As minhas roupas são frutos doirados nas gavetas. As camisas acordam todas as manhãs a oriente e deitam-se a ocidente. As meias de lã são brancas e diferenciam-se das estrelas porque têm um coração mais luminoso. Um chapéu azul e branco tem igualmente um movimento próprio e, quando gira em torno das camisas, é um satélite dentro da gaveta. Outras cores

nascem e aparecem nos lenços, sobem até um camisolão ou descem para se deitarem num botão.

Na almofada, em folha, posso finalmente deitar a primeira lágrima.

Os sapatos alimentam-se de sonhos e de pequenas plantas desenhadas no tapete. São agora dois mares macios e ardentes a dormir. De noite, e em lugares claros, costumam oferecer o braço à lua. Passeiam-se, então, em cima do tapete

e o melhor meio de os surpreender, já deitado e despido entre os lençóis, é segui-los do cimo da almofada e julgar ter percorrido léguas e léguas com eles.

A almofada deita-se pouco antes do amanhecer. É uma pedra branca tão leve como um grão de pólen e de noite emite um som que atrai. Outras vezes interpõe-se entre a lua e os lençóis e ganha uma clareza macia e rósea.

De sabor levemente salgado, o

pequeno candeeiro metálico conhece os segredos da noite e desenha nas paredes do quarto as estrelas que tem diante dos olhos. A minha luz, diz-me, é um erro mas para se saber que ela não existe é preciso estar-se ocupado com a noite.

Os dois lápis que trago sempre comigo estão agora deitados na mesa de cabeceira. Um, de cor verde, nasceu numa cidade austríaca e reserva para si o direito

de roubar uma parte significativa dos bens do azul. O outro, escolhe o que mais encanta o seu espírito e é na maior parte das vezes um comerciante. Em ambos a água combina-se com o céu produzindo uma embriaguez que não é outra coisa senão a minha própria instabilidade.

Ao lado do candeeiro, algumas folhas de papel com um ou outro poema inacabado são ervas ardentes e de raro talento onde vive uma

rica vegetação. Uma água azul enche os ramos esverdeados das vírgulas e o til, que é uma toutinegra nos meus textos, dificilmente assegura a sua existência. Também a cedilha vive em dificuldade e voa debaixo das palavras sem tocar nelas. Já o ponto de exclamação é uma alta e esguia árvore cultivada ao ar livre e quando a sacudo, cai um pequeno grão de luz que me fecha as portas às frases. Procuro dar agasalho a toda esta

gente: vírgulas, toutinegras, acentos, pernadas de árvores, frutos secos e cedilhas. Só as teclas da minha máquina de escrever ficam habitualmente expostas ao luar mesmo durante o sono! Eu próprio saio com elas muitas vezes numa pequena embarcação e visitamos palácios acastelados de antigos capitães-generais, templos e fortalezas. Encontramos as cedilhas e as suas acolhedoras baías, as costas rochosas dos parêntesis, os

ancoradinhos das aspas e as ilhotas irregulares das reticências. Desta sorte afeiçoou-me ao sonho e certas noites tornam-se admiráveis de simplicidade e clareza.

Algumas letras cultivam milho miúdo e inhame ao longo das suas costas. Outras, como o *U* e o *P*, são bons portos onde encontramos excelentes marinheiros que sabem utilizar quatro e cinco ordens de remos. O interior de outras, como o *Q* ou o *B*, permanece desconhecido

e o seu solo coberto de florestas deve ser bastante húmido. Desabrigado do vento, o *T* é todo de granito e está de tal forma situado que se vê de quase todos os miradoiros da máquina. O *J* com o seu cotovelo torna-se uma praça de guerra muito cuidada. De todas estas povoações, a mais insignificante é o *Y* que se abre de tal forma que amiúdes vezes vai a pique sobre as águas.

Há lindas flores na minha

almofada: loendros brancos, anémonas, frésias e camélias. Um grande palácio ornamentado de tijolos esmaltados, frutas, vinhos, panos de pêlo de camelo, papoilas, louças pintadas, tâmaras, cobres cinzelados e florestas de faias é tudo o que consigo trazer para dentro dela.

O tempo gasto pelo azul, partindo da janela, começa agora.

## TERCEIRO CAPÍTULO

Quando a porta do quarto se abre, a noite deixa alguns vestígios em volta da fechadura. A manhã é assim um levíssimo tecido feito de água azul e o sol começa a chegar-se à mesa da cozinha.

As chávenas têm um perfume que lembra damasco maduro. As facas espalham o aroma da manteiga e as colheres são do tamanho de garças pequenas. O açucareiro

tem um andamento calmo, majestoso, e deve a sua reputação a ser sempre um tranquilo viajante capturado pelas nossas mãos. E o café, que muitas vezes sai fora das chávenas, leva à sua frente as côdeas de pão e deposita-as na toalha, como um cuco faz aos seus ovos.

Os comprimidos espalhados nesta mesa são bastante visíveis para se esconderem numa mão fechada. As aspirinas tornam-se baixos-

-relevos de osso ou marfim e nelas estão desenhados os nomes dos amigos, dos lugares, das viagens e dos altares. Por seu turno, os serenais ocultam-se cheios de alvoroço nas nossas mãos. Os Kompensans têm umas patas robustas e uma cabeça baixa e os optalidons chegam depressa, sem rodeios, ao mesmo estado de dor que os portadores.

As pequenas facas navegam à vela ou a remo e lançam uma

minúscula âncora para se conservarem perto das chávenas. E os guardanapos, por mais tenros que sejam, porosos, fáceis de partir, macios ao tocar, servem apenas para fazer acendalhas, escrever um nome ou desenhar carpas à mesa.

O sol dá às ameixas, numa travessa de barro, uma luz muito intensa. Encostam-se umas às outras e mal uma levanta um pé, logo a outra no sítio dele deixa o seu. Também

os figos deixam atrás de si uma frescura luminosa. E as uvas põem-se muitas vezes de cabeça para baixo a fim de espreitarem a sua própria água azul.

Nas margens da mesa andam caçando os meus amigos. Manejam do cimo do seu sentimento arcos de guerra, apanham a laço o cavalo e o queijo, perseguem a manteiga como uma gazela, cercam em sebes veados e côdeas de pão, usam armadilhas para atingir javalis e

pedaços de açúcar, capturam aves aquáticas nas chávenas do café, atacam leopardos e a marmelada com armas de sílex, como cães abatem o aroma do chá... e esta paixão estende-se a toda a mesa. Sinto que se olham como animais macios onde é possível caçar. Uns esporeiam sem chapéu a cadeira onde estão sentados, instituem uma festa em sua honra e adoram-se ao menos uma vez na vida. Outros, encostam-se à sua infância,

florestas impenetráveis de onde não se arriscam a sair, as suas águas são brancas e abundantes de peixes, e muitas vezes voltam febris sobre os seus passos.

Em cima da mesa são canoas de um só pinheiro as mãos dos meus amigos. Crescem no meio de um clima suave e numa igualdade maravilhosa. Recolhem e pescam tartarugas, tâmaras, pérolas, café. Talham a canivete o nome no tronco dos garfos, compram vento

para arredondar as côdeas do pão, abrem fontes no leite, desbravam encostas nas chávenas.

De quando em quando, certas uvas saltam fora da tijela, pequenas ainda no tamanho, desprovidas de asas, e durante este voo, por vezes, quebram-se na mesa. Então, com os dedos acomodado a sua pequena água assustada.

Um grão de vento afoita-se a dizer que os meus amigos só chegam daqui a um dia e que não estão

sentados à mesa como acabo de inventá-los. Conta como as minhas palavras caíam na mesa em leves flocos brancos e macios e por isso não me deu logo a mão deixando-me a falar de amigos que não estavam.

A mesa da cozinha sem ninguém torna-se uma embarcação de baixo bordo, pouco elevada sobre a água, com um esporão para abordar a solidão.

Levanto-me, o azul vai diminu-

indo à maneira que avanço pelo corredor, e o mais pequeno grão de vento, portátil, cheio de luz, anuncia-se, de novo, à porta da rua.

## QUARTO CAPÍTULO

Se os pés são dois remos, os ombros dois mastros, os olhos duas fogueiras, esta navegação de trinta ou quarenta metros dentro da aldeia é tão considerável como uma qualquer distante e cobiçada rota marítima.

A mercearia tem a forma de um caule. A sua porta é um mar acastanhado que encerra tudo: ervas da ribeira de Alcantarilha,

falte nada quando os meus amigos chegarem: panos de seda, toutine-gras, colecções de fábulas, cubas de licor, torcidas limpas, águas minerais, sapatos de feltro, óperas cómicas francesas, cervejas, folhas de palmeira, rios que correm sobre areias doiradas, leques, ervas das regiões quentes, belas pontes de três e quatro arcos, chapéus, rouxinóis, flores sem estames, tapetes em tons brancos, vinhos velhos.

As quatro paredes da loja têm um perfume marítimo e um sabor fresco. Um caminho público, mais ou menos fluvial, conduz-me de um cesto a outro, de uma embalagem de arroz a um pacote de margarina, de um garrafão de água a uma cesta de limões. Abarco tudo o que posso e, junto à caixa registadora, o sorriso da mulher do senhor Barreto parece deixar-se encantar pelas minhas despesas: um braço de coral, peixes que voam sobre as

flores, cisternas que comunicam com o leito das ribeiras, a cor das laranjas, o vento que sopra do mar, uma praia mais pequena que uma cotovia, uma ponte de barcas e o quarto de dormir de um melro. Mas é graças à paciência de quem me atende que consigo enumerar as compras: um quilo de laranjas, um pacote de leite, meia dúzia de ovos, dois pães e uma lata de atum. A entrada das moedas na máquina é anunciada por trombetas e

tambores e os meus trezentos e trinta e cinco escudos são recebidos com entusiásticos aplausos pelas outras moedas.

À porta da mercearia as cores do dia vestem-se despreocupadamente e tiram partido de uma suave aragem. Os seis ovos misturaram-se com a água da manhã, as laranjas agarram-se a uma cor loira, o pacote de leite começa a perder o branco industrial e só os dois pães, de pequeno tamanho,

saboreiam as cores locais com o dedo. Reparo que o sol e a água da manhã querem ajudar-me a não deixar cair as compras e esforçam-se por moderar a curiosidade do vento. É o talento de dar sem nunca receber, como a poesia.

As ruas de Pera são desenhadas sobre uma areia cuidadosamente acordada. Onduladas tanto quanto possível, conversadoras, cobrem-se de leitões sucessivos de luar e nas noites mais escuras nunca

chegam a perder o seu próprio brilho.

As mãos ocupadas com as compras são pequenas para tocar tanta maré alta de cor, os olhos levam para longe a saudade, os ombros equilibram a água da manhã e chego assim ao portão vermelho de casa. Procuo as chaves nos bolsos e as gotas de luz ajudadas pelo vento sobem os degraus comigo. Contorno-as com cuidado mas vêm bater-me amigavelmente nos

sapatos. Rodo a chave para que saia do interior da fechadura a madrugada e cai desamparado no degrau um pauzinho de sol. Ajudo-o a recompor-se e noto que a sua altura não é maior que a de uma lágrima.

Com o portão aberto, torna a casa o pouco de luar ainda em volta da chave.

## QUINTO CAPÍTULO

Os meus azuis têm uma cor muito branca e são feitos de água, cal, sedas, lua e ervas. Dirigem-se para o sul, desaguam nos botões das camisas, nascem nos atacadores dos sapatos e aparentam uma saúde atlética. Lavrados como a amêndoa, macios aos dedos como a avelã, benevolentes como o figo, tanto enchem com a sua cor uma erva ou uma laranja como se

certificam se há contrabando seu a bordo das outras cores. Quase não dou pela chegada do António. Estende a mão direita e o chapéu, na outra mão, é um pássaro pouco maior que um estorninho. Abraço-o e a sua voz é a de um menino. Antigo cocheiro da família de meu avô, é agora um homem fácil de quebrar e as suas mãos adormecidas são como as flores de uma macieira. Senta-se numa cadeira da sala

como se se encontrasse nalgum pequeno monte da serra de Monchique e o primeiro botão, na sua camisa, torna-se um excelente miradouro. Fala-me, agora, da Sociedade Recreativa de Pera, do telhado que deixa entrar água, do senhor Cochado, das contas do telefone e da electricidade, do medronho que existe na mercearia do Barreto, da saúde que começa a faltar, dos sessenta escudos que custa o bilhete da camioneta

quando aos sábados vai fazer a barba a Alcantarilha. Reparo que existe um portão nos seus ouvidos por onde não entram as minhas palavras: a vida dos autores anónimos das Mil e uma Noites, a diferença entre uma porcelana de Sévres e uma de Saxe, a casa de Aldo Manucio e a arte tipográfica em Itália, os poetas e gramáticos gregos, as aves do paraíso, o segredo de alguns mágicos que conseguem acalmar os ventos,

os nomes dos vice-reis da Índia ou os livros de Joaquim Manuel Magalhães. Porém, outros ornatos dão luz a este portão: a rapidez com que a amendoeira se veste em Janeiro, a cor verde nas folhas das laranjeiras, os três ou quatro burriqueiros ainda existentes em Pera, a romã e os seus grãos carnudos, Junho e os dias compridos, os figos maduros de Setembro.

Uma pequena gota de sol que veio na aba do seu chapéu fala connosco

e as frases caem molhadas e luminosas: a madeira do azinho é pela sua valentia usada na quilha dos barcos de pesca, o tremoço semeia-se logo nas primeiras águas de Outono, as bóias das redes dos pescadores são feitas com a casca do sobreiro, o figo seco guarda dentro de si uma água perfumada e misteriosa.

Sulcada de pequenas colinas, a nossa voz é um bom ancoradouro. E uma ou outra palavra ainda fica

no chão quando acompanho António até ao portão da rua. Finalmente lanço a âncora no quarto. Mas a estadia apenas dura um momento! Quero ir, inteiramente só, olhar a praia da Galé antes dos amigos começarem a chegar.

## SEXTO CAPÍTULO

Aguarda-me um grão de areia a quem levo a alma. De tarde estes grãos de areia adormecem de mãos abertas voltadas para o sol e cada um cai, pouco a pouco, em completo descanso.

A esta hora do dia o próprio vento é uma felicidade e o voo das abelhas, a lua dormente, o entardecer nas dunas, a voz dos insectos e o rumor das estevas olham-me a

arder. Todo o azul preguiça e uma cor, que vai a cair num grão adormecido, dá a vaga sensação de partir para uma viagem nocturna debaixo de um grande céu. Há mais de um segundo que estou sem me mexer com o único intuito de a ver pousar. Olho este bago de areia e à sua volta a luz da tarde adquire a leveza de uma floresta imensa de altíssimas árvores. Dou mais um passo pela praia

dentro e apresso-me a beber a luz inteira. De vez em quando uma gota de água cheia de luz perde-se tão vagarosa que a sua própria imagem a desfalecer parece procurar uma cama ou um banco dentro de algum grão de areia. Saio agora da minha mão e precipito-me lá longe nos dedos. Acompanha-me um grão de luz e é feliz carregado de filhotes. Alguns deles olham admirados a redondez dos meus dedos e sinto que não

deve haver outra maneira mais bela de os seduzir.

Meu Deus, não sei de outra praia que me saiba tudo! Os meus amigos que vão chegar de Lisboa, nem sequer suspeitam como desejo ficar entre estes grãos de areia, adormecer na cama deles, ser leve, fechar os olhos na sua almofada. As rochas, à beira das ondas, usam com cautela as cores do fim da tarde e quatro ou cinco garças espalham com as suas patas uma

tristeza luminosa, suave, delicada e baixa. Sei que as primeiras estrelas vão começar a aparecer e as mais belas deixarão o desenho do seu corpo à beira da água: uma raposa pequena, um cavalo alado, um cisne, um boieiro, um castor, um leão, um trapézio, um centauro, um toiro. Talvez estas figuras deitadas na água azul da noite sejam a arte de alguém.

A cor na minha arte é um corpo que se olha e um incêndio que voa.

Penso em regressar a casa. De janela aberta respiro como uma cor respira e com os dedos bem plantados no volante sigo por um caminho de terra batida.

Saio em paz com todas as árvores imaginadas e, por entre algumas figueiras mais altas, entro na estrada principal. A cabeça sente o coração e é a água do mar que no meu lugar de condutor curva à direita e à esquerda. A meio do caminho, na curva da casa do padre, não sei em

que assento vai o mar e não sei se as rodas do automóvel são quatro remos que delicadamente em cada quilómetro mergulham na estrada.

Já se pressente a rua Infante D. Henrique, o café do senhor Benjamim, a torre da igreja, os muros brancos, o canteiro construído pela Junta de Freguesia e o portão vermelho de minha casa.

## SÉTIMO CAPÍTULO

É a mais pequena das mãos que primeiro me toca. Os seus dedos lembram o comércio dos tecidos de seda, os tapetes orientais, a madeira dos aloés, as mais belas raças de cavalos, as antigas pulseiras gregas e há neles carpas, linceas, rouxinóis castores e martas. Olho-a com mais atenção, é a mão de Maria, e os seus dedos falam uns com os outros de tal maneira que parecem pequenos

e sossegados estabelecimentos termais. São como templos admiráveis. Como panos delicados. Como cavalos, veados e pacaças a pastar em liberdade. Como minúsculas esculturas feitas em madeira, marfim ou água. Como rouxinóis, poupas e estorninhos. Como o nome dos peixes. Como os barcos vindos de Tavira, Vila Real ou da Andaluzia. Seguro esta mão que me conduz pelo corredor e é deslumbrante a

variedade de histórias que ela me vai contando até chegarmos à cozinha: o fato dos arlequins, o fabrico dos tamancos, os remédios caseiros, as obras de vime, as ervas aveludadas dos morangueiros, a expedição dos Catalães contra os Turcos, a madeira de algumas árvores com que se fazem pratos e talheres, o brilho das lâminas de mica, as montarias aos lobos e aos javalis, os solares feudais da Beira, o abandono dos conventos durante

as guerras liberais, o peso e o valor das moedas antigas, os comprimidos feitos com miolo de trigo, os fósseis dos mares quentes. Agora vejo, em cima da mesa da cozinha, os mapas do rio Arade onde José dispõe convenientemente os dedos. São dez marinheiros a entenderem-se e a darem sinal de um ponto ou outro onde arbitrariamente os perigos possam acontecer. Contemplo-o em silêncio e em cima dos mapas estão os astros,

o mundo antigo, as vinhas selvagens, as investigações marítimas dos árabes, os bosques, os algodoeiros, as árvores aromáticas, os tapetes, as bússolas, as porcelanas, o vento dos desertos.

Maria e eu olhamo-nos liquidamente enquanto José bebe chá. Entusiasmado, explica que dois terços do nosso coração andarão no rio como se fossem um lúcio ou uma tenca e só no outro é que vai a arte do nosso olhar.

Começaremos a subir o Arade ao nascer do dia e levaremos para o almoço um cesto com maçãs, laranjas, pão, duas ou três garrafas de água de Monchique, sardinhas, alface, tomate, orégãos, um garrafão de vinho, vinagre e azeite. Madalena entra na cozinha e alegro-me por tornar a vê-la. Levanto-me e dou-lhe um beijo. Mostra-se de uma cor inesgotável. A escova do cabelo que tem na mão é uma pequena folha roubada a um

bosque e no dedo miúdo traz um anel com uma granada. O seu relógio, fácil de quebrar, exposto ao tempo, tem o cheiro agradável da palma da mão de uma rapariga e do fio de oiro que usa ao pescoço vem um bem acabado perfume a frutos novos. Senta-se à mesa e pede a José um pouco de café. Procura um torrão de açúcar e deixa-o cair nos mares da velha chávena. Penso que sou o único a fixar com grande cuidado este facto notável.

Madalena tem fases como a lua. A feroz brancura da sua voz tem para mim um grande interesse pois posso admirar a distância que vai dos seus lábios às histórias que deles vêm. Oiço-a e cada frase parece uma casa onde vivem em comunidade sons e perfumes. Conta como seu avô, que era marceneiro, namorava as mais lindas raparigas de Vale de Parra. E como descobriu, numa livraria de Loulé, o livro de um poeta francês do

século dezassete com o título "Cavilhas, Brocas, Plainos". Até tinha um elogio escrito por Corneille, acrescenta.

Um silêncio parece vir numa canoa, percorre a mesa evitando as chávenas e desce ao chão pelos meus joelhos. Nenhum dos meus amigos se apercebe. Só eu pressinto como ele sabiamente se aproveita do vento forte da voz de Madalena.

"Laverna, a deusa romana dos

ladrões, nos proteja", ouvimos. É Pedro a saudar-nos. Levanto-me e ajudo-o a segurar um grande cesto cheio de laranjas, limões e mandarinas. Esta fruta roubou Verónica naqueles pomares junto à estrada, depois do Algoz. É para levarmos amanhã para a viagem. Abraço-o e olho Verónica que acaba de entrar.

O DIA.

Mais amável e perfumado que um morango em qualquer bosque, as cores ainda do tamanho de um ovo de codorniz, pede um pouco de água, lava o rosto e enxuga-o a um vento dividido em pedaços. Ainda é muito cedo e apenas alguns fragmentos da sua grande obra caem nas nossas camisolas.

## O DIA

Mais amável e perfumado que um morango em qualquer bosque, as cores ainda do tamanho de um ovo de codorniz, pede um pouco de água, lava o rosto e enxuga-o a um vento dividido em pedaços. Ainda é muito cedo e apenas alguns fragmentos da sua grande obra caem nas nossas camisolas.

## A LUZ

Com as cores de delicado gosto, os aposentos vastos e felizes, começa a aparecer nas folhas e nos ramos.

## A TEMPERATURA

Pequeníssimos grãos de calor ficam, de noite, nas asas dos insectos e quando amanhece saltam para as margens do rio e lavam-se nas primeiras gotas de luz.

## AS MÃOS DE JOSÉ

Uma gota de luz acaba de se sentar no primeiro banco do barco e as mãos de José têm de afastar os grãos de vento que lá estão deitados.

## O CHEIRO AGRADÁVEL DE MARIA

Se bem que a água da lua deixe no banco de trás do barco um perfume deslumbrante, colorido e ardente, as mãos de Maria ao segurarem os pequenos remos entornam um cheiro verde esmeralda. Só não sei se se quebra quando as levíssimas ondas o lançam contra a madeira das outras embarcações.

## A BAGAGEM

Acomodo a um canto do barco a minha pasta e Maria toma-lhe o peso. Só lá tenho coisas leves: castanhas, queijos, azeite, tecidos brancos de algodão, maçãs vermelhas, chapéus de feltro, raposas negras, vinho de palmeira, madeiras valiosas, milho, feijão, um lápis, uma borracha, sete ou oito poemas sobre a praia da Galé, um

lenço, vinho novo para oferecer a Júpiter e alguns melros com o peito alaranjado.

## O PÃO DE PORTIMÃO

José e eu descobrimos uma fábrica de pão perto do cais. Deixam-nos entrar e os grãos de luz que trazemos de fora misturam-se com os do centeio e do trigo. Conto a José como os antigos povos se serviam de pedras aquecidas para cozer o pão e como os habitantes de Roma o amassavam na sua própria casa. Reparo, então, que a água azul da

noite começa a morrer com o calor do forno. Para que isso não aconteça, voltamos rapidamente aos barcos com dois maravilhosos pães: brancos, limpos e perfumados por dentro.

## O CÉU AZUL

Um bago de sol cai no remo direito.  
Outro no lenço negro de Maria.  
Outro no botão de punho da minha  
camisa. Outro na sapatilha branca  
de Madalena mas roubo-o e fico  
com uma bela cor alaranjada na  
mão.

## AS DUAS FONTES

Se uma entra com o pé cuidadosa-  
mente na água, a outra contempla a  
sua própria sombra.

## O PÁSSARO BORDADO NA CAMISOLA DE VERÓNICA

Quando partimos digo a Verónica que não há navios de longa distância na minha poesia. Apenas embarcações pequenas, de construção própria, como os barcos de pesca. Verónica trabalha agora a água do rio. Inclina-se e a sua mão parece um canivete, macio, branco, a desenhar, a riscar a água. Olho a

pequena ave bordada na sua camisola e é onde entra neste momento o meu desejo.

## OS DOIS PESCADORES

Depois da segunda ponte cruzamo-nos com dois pescadores que gritam mas as suas vozes caem na água antes de chegarem até nós. Secretamente ajudo-as a subir para o barco e aqueço-as na mão.

## JOSÉ

Um poeta grego arcaico não tem biografia e também não necessita dela. Acabo de lembrar estas palavras quando José explica que o barco com aqueles dois pescadores tem o mesmo movimento de um falcão quando se prepara para agarrar uma presa. E aqueles dois homens têm a reputação dos arqueiros cretenses ou dos baleeiros

das ilhas açorianas. E dentro levam arroz, chá, oiro, sedas, vernizes, vasos, pulseiras, medalhões, prata, amêndoas, porcelanas, pedras gravadas, uvas de Corinto, algodão, ópio, azulejos, figos e até uvas de Málaga.

Verónica sorri e diz a José que eles usam barbas compridas como os caldeus, trazem à cintura uma faca como os assírios e na casa de cada um há um mealheiro de barro com o formato do mundo.

Ternamente olhamos uns para os outros. E penso que o primeiro berço de José foi um tamanco forrado de magia e entusiasmo.

## SAUDADES DE PERA

Maria aponta para o lado direito. É o delicado cais da Mexilhoeira da Carregação que deixa a descoberto os ombros abandonados à sorte da água.

Lembra-me Pera: os sonhos contados pelas romãzeiras à entrada da aldeia, o vento doce que azula a torre da igreja, as casas que se assemelham a um cardume de solhas, a

carroça no Largo 25 de Abril, o perfume deixado por algumas folhas na Rua Infante D. Henrique, os muros brancos das ruas, o portão vermelho de minha casa, as conchas nos vasos da varanda, as escadas que levam à açoteia, a estadia das estrelas nos sapatos, a noite a alguns centímetros do chão, o sol muito fresco a entrar pela porta da cozinha, o aroma da manteiga nas pequenas facas, o andamento calmo e majestoso do açucareiro na

mesa, os desenhos nos guardanapos, a frescura luminosa dos figos, a água a brilhar dentro das uvas, os meus amigos a caçar aves aquáticas nas chávenas do café, a mercearia do senhor Barreto, o café do João, a Sociedade Recreativa, a pequena gota de sol que o António traz sempre na aba do chapéu. Que bonito templo aquele logo ali a seguir ao cais, exclama Verónica. E só a sua voz cheia de estorninhos me consegue arrancar de Pera.

A CAPELA NA MARGEM DIREITA DO RIO

É uma flor imaginária, uma pedra caprichosa que se consagra a um qualquer desconhecido que venha pelo rio, e não chega a Deus senão pela sua elegância.

## A GRUTA DE IBNE AMMAR

A pouca distância da gruta de Ibne Ammar penso num prefácio para alguns poemas que quero dedicar à praia da Galé. O coração entrega-se a esta causa enquanto navegamos juntos. Vale-me uma luminosa esferográfica (ninguém a vê) e começo a descarregar gota a gota a minha agradável solidão: "Voltas de novo a esta macia geografia de

grãos de areia, poesia. Jurara até lá longe na mão que jamais seria feliz a tua chegada, mas acabo por ceder, uma última vez.

Mas não tornes a vir, poesia.

Os crimes dos construtores civis, prósperos, doentios, sem história, e o poder começam agora a chegar a esta praia.

Por mim, resta-me fechar os olhos entre os grãos desta areia e adormecer com eles".

Sinto que num prefácio fica tudo

para o dia seguinte. Só Verónica é que parece adivinhar o que neste momento se passa dentro de mim. É um rio celeste, esta minha amiga. Uma ave durante um poema. Quero fazer o lançamento deste livro na própria praia: uma mesa de madeira na areia, pão de Alcantarrilha, sardinhas e carapaus para assar, várias saladas, algumas garrafas de vinho, uvas, figos, sete ou oito amigos, dois ou três foguetes, os poemas e o mar.

Estamos em frente da gruta com o nome do poeta e os dois barcos navegam tranquilamente. Continuo a pensar no livro. O primeiro poema é muito belo: "Não oiço azul nenhum / debaixo do meu lápis". O segundo é quase uma autobiografia: "Apanho, junto a uma fita de água, / os meus desejos". E o quinto: "Lá vai muito ao longe / a alma de uma abelha". O poema mais elegante do livro é o sexto: "Passeia-se na minha poesia o mar

/ sem medo de ser verso". O nono poema é gentil: "Lá vem a lua / olhar-se da praia". Talvez o décimo seja o mais secreto: "Vem de água vestida a lua / e acompanha-me a jantar". E o penúltimo: "Torna-se feliz o mar / na asa de uma garça". O último poema é um desejo: "Senta-te na única cor acordada a esta hora / e deixa-me, por favor, poesia". Olho agora a gruta de Ibne Ammar. Dizem que o poeta por aqui andou

com os amigos e que a sua poesia deve a Silves, a Sevilha e à água deste rio a sua abundância.

## OS PEIXES

De quando em quando descansam algum tempo sobre as ondas do rio e, logo que apanham a proa do barco, bebem os nossos olhos e o céu. A singularidade da sua aproximação, as mudanças excessivamente dóceis de um lugar para o outro, os seus fragmentos de dança, fazem deles animais de uma floresta pertencente a algum Deus.

## O CHAPÉU DE LÃ DE MARIA

Sempre gostei deste chapéu. A sua lã está cheia de aves que se incendiam a andar de um lado para o outro. Mas o que mais me fascina são sete ou oito melros com o peito alaranjado que voam, juntos, rente às abas.

## A CASA NA MARGEM DIREITA

Depois do cais da Mexilhoeira (no antigo foral de Silves chamava-se Mexilhoeirinha e tinha o privilégio de ser uma praça de comércio) encontramos a primeira casa na margem direita do rio. Cheia de melancolia, verdadeiramente indefensável, distingue-se da capela que deixámos para trás pelo seu porte mais pequeno e vegetal.

## PEDRO

Desde que deixámos a cidade reparo na suavidade e delicadeza das mãos de Pedro. Têm, sobre as mãos dos meus amigos, além de outras, a vantagem de mudar de cor. Em Portimão, quando o dia ainda trazia as cores do tamanho de um ovo de codorniz, os seus dedos encheram-se de pequeninas pintas brancas e acastanhadas. Mais adiante,

quando Maria entornou um lindo cheiro verde na água, logo eles se vestiram dessa cor.

Já se avista o ilhéu de Nossa Senhora do Rosário.

Torno a olhar, comovido, estes amigos de hábitos crepusculares.

## AS AVES NO ILHÉU DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

É preciso deixá-las voar. Não sei os seus nomes nem se dormem na cidade ou nas margens do rio. Logo que apanham o ilhéu continuam a olhar-nos. Dão pequenos gritos e, quando voam, descansam algum tempo em cima do nosso próprio olhar.

## ALGUMAS CONVERSAS PELO RIO

José diz que aquela árvore na margem direita do rio lembra a pequena residência onde Rousseau e a baronesa de Warens esconderam a sua felicidade. E que vamos merendar em vasos feitos pelos oleiros de Esparta, que traz uma aguardente de arroz belíssima e que os cabos das facas e dos garfos são forrados

a pele de urso e de raposa. Pedro nota que a navegação se torna impossível porque a maré está muito baixa. Mais meia hora e temos de aproveitar uma margem para almoçar. Maria parece daquelas árvores que vivem com os pés na água e os cabelos no fogo. A um canto do barco, calada, atenta e doce, traz aos ombros o mais lindo amarelo quase alaranjado que um tigre real pode ambicionar.

Os meus amigos são belas florestas de carvalhos.

Madalena adivinha o meu sentimento. Longe de querer saber se foram os povos das margens do Arade que construíram a ponte de Silves, lança-se à água nos meus olhos. Divertidamente pesca neles esponjas e penas de avestruz.

## OS CRUZADOS

Oiço Madalena segredar a Maria que se os cruzados fossem doirados, tivessem uma garganta azulada e umas mãos de pequeno tamanho, teriam sido bem recebidos em Silves.

Madalena deve ter lido, como eu, a "Chronica Del Rei Dom Sancho O I dos Reis de Portugal O II":

"...El Rei Dom Sancho entre tanto

ficava ajuntando & apurando sua gente, & com a melhor se foi per terra a Sylues, & a outra mandou per mar em hũa frota de XL galees & galeottas, & muitos outros nauios carregados de munições & mantimentos, & o mais que compria para o cerco, & chegou aa cidade. Com cuja vinda forão os Christãos mui alegres & os Mouros mui tristes". Creio que Madalena sabe que os cruzados pernoitaram neste ilhéu antes da conquista da cidade.

## A COLHER DE MADALENA

Uma formiga, a um canto da toalha, procura também banquetear-se. As suas patas correm em direcção às fatias do pão, tocam as folhas da alface, põem o dedo numa ou noutra rodela de tomate, vão de encontro ao alguidar das sardinhas e magoam-se numa faca. Há muito que a acompanho, em silêncio. Pedro quer afastá-la da toalha.

Tenta, mas ela esconde-se debaixo da colher de Madalena.

## A FRUTA DE VERÓNICA

Pedro acaba de espalhar as laranjas e as maçãs e reparo que os insectos se sentem atraídos pelo vermelho mais intenso de algumas delas. Sem ninguém dar por isso, ponho lado a lado uma maçã e uma laranja. As manchas avermelhadas e muito vivas da maçã atraem mais as abelhas do que a cor doce da laranja.

## O ALMOÇO

Pedro, ao provar o azeite com uma côdea de pão, parece o grão-mestre das cozinhas de um sultão. Distribui os pratos e os talheres e reserva dois copos de papel para os deuses das vinhas e da navegação.

José quer comer em pratos de ouro e beber em taças do mesmo metal. Ou então, como o cavalo de Calígula, quer uma manjedoura de

nácar e uns garfos incrustados de esmeraldas e granadas.

Verónica diz-lhe que as maçãs e as laranjas dos pomares de Silves são procuradas por esquilos voadores e nas pouco profundas águas do Arade vivem pequeníssimos peixes que, se forem chamados, respondem: "Aqui estamos".

Todos agora conversamos e uma chilreada de sons e boa disposição acompanha a maré que começa a subir. Temos de aproveitar até

Silves. José ainda fala dos cedros do Líbano, das populações pastoris das margens do Mar Vermelho, dos peixes esverdeados que iremos encontrar debaixo da ponte de Silves, da paixão dos antigos gregos pela luta entre codornizes, dos hábitos nocturnos dos lobos, dos desempregados que ainda dormem debaixo das pontes do rio Sena e da cantora predilecta de Berlioz que abandonou a carreira

de soprano por causa da morte de seu marido. Pedro e eu começamos a arrumar as coisas. Maria dá um guardanapo a José que limpa o bigode e as mãos. Contrariado, explica que também não havia lavabos nos refeitórios medievais. Comovido, levo todos comigo. Estes amigos são belas florestas de carvalhos.

## O PÉ DE MADALENA

Descemos cautelosamente aos dois barcos cujos remos têm agora uma cor clara e esverdeada. Sigo atrás de Madalena a quem por vezes me agarro para não cair.

Reparo que os grãos de luz se tornam mais aguerridos nos seus ombros do que nos meus. É possível que isto não passe de uma ilusão mas, ciumento, chego a

olhá-los como animais que é preciso abater. E, perturbado, piso descuidadamente o pé de Madalena.

## A ÁRVORE NA MARGEM ESQUERDA

Silves começa a branquear a água do rio. Ainda não se vê a cidade mas, pouco a pouco, vão aparecendo mais árvores perto das margens e uma ou outra cabra sumptuosa. Inesperadamente descubro uma árvore na margem esquerda, estranha, desacompanhada, com as raízes apontadas ao céu. É a sede de

um antigo condado vegetal cujos senhores (umas tantas gotas de água e outros tantos grãos de frio) devem ter gozado de grande celebridade, diz-me Verónica. A residência de um vice-rei de asas, segredo-lhe.

## A VOZ DE MARIA

Quando Maria fala de um barco para o outro, a sua voz parece uma lua de prata ou um pato real e flutua com a ajuda de pequenas bóias feitas com grãos de luz.

## AS CABRAS NA MARGEM DIREITA

O desassossego de uma ou outra cabra, na margem direita do rio, é o único embaraço à nossa navegação e penso que devemos conduzir cautelosamente os barcos por entre os seus corpos fielmente desenhados na água.

Acho a nossa bravura em marear nestas condições tão motivadora

como a que levou esse querido poeta a escrever: "Vistes aquela insana fantasia de tentarem o mar com velas e remos".

Conto a Verónica que estes animais provocam a alma com saltos caprichosos e vagabundos. E há uns pequenos peixes que se chamam "Cabrinhas da Moirama", diz ela.

## SILVES

A primeira vez que visitei Silves tinha cinco ou seis anos e esperava encontrar cavalos não encilhados, aves de cabeça vermelha, pratos e púcaros feitos com cascas de árvores, saltimbancos e dançarinas nas praças, várzeas cobertas de canaviais, uma porta de bronze a fechar o castelo, ricos palácios, amoreiras nas encostas, viajantes

persas, navios carregados com laranjas e limões, raparigas com os pés embelezados de rubis e esmeraldas, leões de prata, tartarugas de água doce, loiças de barro, florestas de bichos-da-seda e rapazes a andar debaixo de água como se fossem peixes.

Era ainda miúdo mas fiquei com a impressão de uma cidade mágica: o tom rosado da pedra, a sua maneira doce de atrair os relâmpagos, as casas onde guardavam a

cortiça, a gente que sabia trabalhar facilmente a lua, os moinhos do reino moiro, os antigos silos, os pomareiros, as colinas que alimentavam rebanhos de carneiros, os hábitos nocturnos das flores e o talento particular dos meninos da minha idade em desenhar cavalos. Ano a ano aqui volto com os meus amigos à procura de pequenos papagaios com uma plumagem verde e azul, de corças, veados e javalis, de sibilas que vivem mil

anos, de mulheres que traficam os seus encantos, de bois com argolas de ouro nas orelhas, de aves cantoras, de raparigas com vestidos gregos, de pensadores com uma vida errante, de astrónomos, de peças de cordel lidas diante de um público belo e eloquente, de danças lascivas, de raparigas que sabem amainar as velas, de alguém que fale a língua persa ou turca, de patos com asas azuis. Chego agora, com trinta e três anos,

a esta cidade onde nasceram a minha mãe e o meu avô. Os meus amigos procuram um local acostável enquanto a lua, que começa a esboçar-se, continua a ser para mim um fruto do tamanho de uma ameixa.

## VERÓNICA

Só umas sementes de sol e umas bagas de solidão batem na madeira dos nossos barcos acostados a uma escadaria de pedra. Verónica é a primeira a subi-la e os degraus cheios de grãos de água aceitam o contorno luminoso dos seus sapatos.

## A PONTE DE SILVES

O vento do tamanho de uma cigarra descansa em cima da ponte. Alimenta-se do cheiro das laranjas e dos limões. Limpo, transparente, deixa a flutuar no rio um perfume ainda em flor.

Ao lado, um pássaro chama os outros à água e uma multidão de gotas de luz nada livremente debaixo da ponte.

## A ESPLANADA

Aproveitamos para descansar numa esplanada adormecida na parte baixa da cidade. Pedimos quatro cafés e quatro aguardentes de medronho. Só Maria e eu escolhemos outra bebida. Peço uma água de Luso e ela uma água com gás. "Não podem viver os versos escritos por bebedores de água". O poema de Horácio faz-me sorrir, em silêncio.

## MARIA

A olhar Maria não sei o que nela está em lágrimas. E não sei o que nela é do céu ou o que dela se cria no fundo do mar. Talvez saiba limpar as gotas de água e pesá-las. Provavelmente encontrará um nome para cada uma.

## ALGUMAS CONVERSAS NA ESPLANADA

José, sempre ele, entretém-nos com as suas histórias enquanto aguardamos que o empregado traga a conta. Fala das ervas que no mar se agarram à quilha dos grandes barcos, dos pequenos ferros com que os caldeus frisavam os cabelos, dos torneios de amor medievais onde os poetas recebiam, em

recompensa, uma coroa feita com penas de pavão. Pedro, para surpresa nossa, conta como Frei Heitor Pinto foi assassinado num convento de Toledo por ordem de Filipe II de Espanha. E, entusiasmado, diz-nos que viu uns vendedores de tapetes marroquinos a venderem pintassilgos que se apoiavam grande parte do dia numa só pata. Maria e Madalena, mais uma vez, sorriem e Verónica ajuda o

empregado a contabilizar os cafés. O perfume da carne do faisão vem das suas próprias penas e bebe-se vinho do Cairo nos bastidores dos grupos de teatro independente de Lisboa, digo-lhes.

## A CONTA

José faz questão em pagar os duzentos e setenta e cinco escudos. Uma nota de vinte escudos, diz ele, é a monotonia da vida de um convento. Uma moeda de dois e quinhentos é como as pedras que algumas aves têm no estômago. Cinquenta escudos é uma picada de mosquito. Uma nota de cem escudos é uma folha parecida com

aquelas que as cabras comem. Uma moeda de vinte e cinco escudos é uma erva parasita.

Uma nota de cinco mil escudos é um mausoléu, diz-lhe Verónica.

### OS PRIMEIROS VERSOS DO POEMA DE AL-MU' TAMID

Já nos barcos e prontos a deixar a cidade, louvo e eternizo a poesia que Al-Mu' Tamid ofereceu a Ibne Ammar quando este deixou Sevilha para regressar a Silves:

"Eia! Saúda os meus lares, em Silves, ó Abu Becre e pergunta-lhes se guardam ainda recordações de mim, como penso.

Saúda o Alcácer Axarájibe da parte de um donzel que perpetuamente suspira por esse Alcácer".

OS REMOS

De um lado e outro do rio algumas gotas de luz deitam-se à água e acompanham os barcos. As mais destemidas chegam quase até nós e temos de ser cuidadosos quando movemos os remos.

## A SURPRESA DE PEDRO

Com a cidade a ficar para trás, Pedro grita que quer ler dois textos que deliberadamente trouxe para a nossa viagem. Um, é a descrição do Axarájibe de Silves feita pelo historiador Ibne Cacane. O outro, é um poema de Ibne Ammar, o poeta feiticeiro da corte poética de Al-Mu' Tamid.

Os nossos barcos quase se tocam e

Pedro começa a ler:

"O Alcácer Axarájibe chegara então ao mais alto cimo da magnificência e do esplendor.

Era semelhante ao mais célebre da cidade de Bogodá, no Iraque.

Corriam nele os nobres cavalos dos seus átrios e brilhavam nos seus terraços os relâmpagos das coisas que mais se podiam desejar e ele oferecia abundantemente".

Encostado a um remo, acho bonita a curta descrição mas sinto que os

poetas vivos são sempre esquecidos, até pelos próprios amigos. Seria comovente ouvir agora um poema de Ramos Rosa (o branco de Faro veste tanto a sua poesia) ou mesmo um poema tão limpo como o que Sofia Andresen escreveu sobre Cacela.

Entretanto, Pedro começa a ler o elogio de Al-Mu' Tamid escrito por Ibne Ammar:

"Copeiro, serve em roda o vinho, pois o zéfiro se levantou e o luar

desviou já as rendas da viagem nocturna.

Já a alvorada nos trouxe a sua cânfora branca quando a noite afastou o seu negro âmbar.

O jardim é como uma bela vestida com a túnica das suas flores e adornada com o colar de pérolas do orvalho.

Ou então, como um donzel que se ruboriza com o pudor das rosas e se enche de coragem com o perfume do mirto.

O jardim onde o rio parece uma mão alva estendida sobre uma túnica verde, está agitado pelo zéfiro.

Pensareis que é a espada de Ibne Abade que dispersa exércitos...

Ibne Abade! Na angústia, quando o ar se cobre de uma túnica cinzenta, a dávida da sua mão é fecunda.

E escolhe para presentear, a virgem já núbil, o corcel selvagem, ou o sabre adornado de pedrarias...

Rei admirado no físico e no moral,

és belo como o jardim, tanto de longe como de perto.

Teu nome é aloé que queimei na charneca do meu génio".

## O RIO E MARIA

Os remos habituam-se a flutuar e com esta docilidade cedem a todos os desejos e caprichos do rio. Maria tem feito assim uma viagem sossegada e até sorri quando um deles, ao sair da água, sacode os cabelos.

TERCEIRA PARTE

## O RIO E MARIA

Os remos habituam-se a flutuar e com esta docilidade cedem a todos os desejos e caprichos do rio. Maria tem feito assim uma viagem sossegada e até sorri quando um deles, ao sair da água, sacode os cabelos.

Perto do ilhéu de Nossa Senhora do Rosário, na bifurcação para Odelouca, os dois barcos tocam-se violentamente. Onda a onda, a maneira das embarcações mostra-se menos. **TERCEIRA PARTE** levantam-se assustados.

Os remos caem na água e perdem a sua serenidade: um, atinge mesmo grande distância e já não manda recados; o outro, deixa-se estar perto de nós e começa a afligir-se. O vento brusco e violento levanta a

Perto do ilhéu de Nossa Senhora do Rosário, na bifurcação para Odelouca, os dois barcos tocam-se violentamente. Onda a onda, a madeira das embarcações mostra-se menos viva e os grãos de luz levantam-se assustados.

Os remos caem na água e perdem a sua serenidade: um, atinge mesmo grande distância e já não manda recados; o outro, deixa-se estar perto de nós e começa a afligir-se. O vento brusco e violento levanta a

água e uma onda, outonal e musculada, entra pela camisola de José! Agarro com força Maria e, enquanto tento auxiliá-la a manter-se equilibrada no nosso barco, vejo que a água espalha com uma mão Pedro. O pássaro bordado na camisola de Verónica consegue nadar durante uns momentos mas, já sem forças, cai exausto à nossa frente. O seu desenho de ave pintada bate contra o nosso barco e este som de algodão entra-me no peito.

Grito a Verónica que se agarre a uma madeira. E, para a socorrer, lanço-lhe a minha alma que, mal saída do peito, se dá inteiramente à água! Meu Deus, se o dia parecia tão amável, a tarde do tamanho de um estorninho, a luz tão calma nas asas dos insectos, o que terá acontecido? O embate de cada vaga vem cheio de perfumes e a parte mais leve e voadora do vento fica, por vezes, suspensa no ar e depois abate-se

com toda a corpulência em cima de nós.

Tudo se torna inútil e uma nova onda parece furar o céu!

O lenço negro de Maria cai à água.

A sapatilha branca de Madalena também. Agora a minha pasta. E um lápis. E um chapéu de feltro.

Agora um lenço. Uma borracha. Só as raposas negras nadam até às margens. E os melros com o peito alaranjado voam até ao ilhéu.

Uma tempestade é muitas vezes

perfumada por dentro. Entra com o pé cuidadosamente numa nuvem e as suas mãos ganham um ar sofredor.

É o que acontece agora: cabeça veloz, olhos penetrantes, voo rápido, pescoço musculado, rebenta e frutifica.

A voz de Verónica é uma folha transparente e cai antes de chegar a mim. De pequeníssimas dimensões ainda olho o seu luminoso coração e, sem forças, tento

atraí-lo. Ofereço-lhe uns chinelos de oiro, uma arca com amêndoas, uma cama tão leve como um grão de pólen, uma bandeja com as cores do céu. Espalho um sabor assucarado à entrada das minhas sobancelhas. Coloco uma almofada ao fundo da retina. Desenho-lhe frésias e faisões e arrumo a lua a um canto do olho. Mas, meu Deus, o coração luminoso de Verónica dá o braço a uma onda!

José também vê Verónica a descer

por uma onda. Degrau a degrau, uns azuis, outros verdes, outros doirados, outros vermelhos, ela desce com a água a brilhar dentro dos sapatos.

Procuro encher as mãos com bosques de faias, velas de navios, pernadas de árvores e frutos secos. Coisas leves que flutuam, penso.

Mas há portas nas ondas e quartos com camas e lençóis muito brancos!

Lembro Verónica e de a ter

comparado a um rio celeste quando passámos pela gruta de Ibne Ammar. Senti-a nesse momento como se fosse a ave de um poema meu.

José solta um grito e vê, junto a uma cor a nadar, o seu próprio rosto a flutuar. Quando levanta o braço logo o vento se incendeia em volta dos dedos e, deste modo, chega depressa ao silêncio e à desistência. Tento nadar até ele mas, quando o toco, separa-se a cor do seu corpo.

O chapéu de lã de Maria é arrastado pela corrente. Inúmeras aves saem dentro dele e conseguem voar.

Quando descubro Madalena, nestes segundos terríveis, as suas mãos deixam na água uma frescura luminosa e um azul confiante e vegetal. Está tão tranquila que a julgo a dar uma gota de leite ao rio! Afasto-me momentaneamente de Maria e tento descobrir Pedro. Lembro-me que os seus dedos

tinham a vantagem de mudar de cor. Em Portimão eram brancos e acastanhados. Um pouco adiante entornaram um lindo perfume verde na água. Depois pareciam algodão e até luminosos se tornaram. Mas em vão!

E durante um pequeníssimo segundo, entendo tudo: os amigos são fáceis de partir.

Madalena escolhe bem a sombra de uma onda e deita agora um grão de luz em cima de uma madeira.

Mas o rio que vive mais consigo e com os seus devaneios, não só o derruba como o leva!

Perto, Maria e eu assistimos então à sua desistência: acomoda uma pequena roupa assustada, demora-se um pouco a olhar-nos, carrega todo o azul que lhe é possível e anuncia-se à porta de uma onda.

Seguro violentamente a mão de Maria e enchem-se-me os olhos de fogo e lágrimas.

Trago a memória as colecções de

fábulas, os panos de seda, as cubas de licor, os sapatos de feltro, os tapetes brancos, os vinhos velhos e as óperas cómicas que comprei na mercearia, em Pera, para quando chegassem os meus amigos. Repassam-me as ruas de Pera, as gotas de luz a subirem os degraus de minha casa, as frases do António com o comprimento de uma mão, a madrugada a sair da porta do meu quarto e as palavras caídas no chão da cozinha como frutos doirados.

A pouca distância, está apenas um minúsculo vento que se detém a olhar para mim. Atira-me uns grãos de luz que se vão deixando ficar a flutuar, tímidos e magoados, à minha volta. Entendo tudo! Ao lado, uma multidão de bagos de sol enleia-se aos meus cabelos e aos olhos tão tristes. Só agora não quero lutar! Olho cansado a beleza arredondada dos meus dedos. Quero

adormecer com eles e fechar os olhos dentro das suas mantas rosadas!

Deita-se o rio, calmo e sereno, e sobre ele começam a aparecer as primeiras estrelas.

Abro também uma porta, não a de uma onda que as não há agora no rio, desço uma escadaria e à beira de um degrau, penso que o último, deixo-me cair sem Deus, alheio a tudo.

A água azul da noite deixa aberto o portão vermelho de casa e, logo atrás, entram a asa de uma cor e um grão de vento.

No pátio, formam-se pequenos grupos que se voltam entre si: o azul tranquilo e o grão de areia falam com uma luz molhada; a gota do tamanho de um bosque e o verde esmeralda do mar dão a mão a uma cor descalça; o bago de vento escuta a alma de uma abelha.

O corredor está cheio de amigos.

A água azul da noite deixa aberto o portão vermelho de casa e, logo atrás, entram a asa de uma cor e um grão de vento.

No pátio, formam-se pequenos grupos que conversam entre si: o azul tranquilo e o grão de areia falam com uma luz molhada; a gota do tamanho de um bosque e o verde esmeralda do mar dão a mão a uma cor descalça; o bago de vento escuta a alma de uma abelha.

O corredor está cheio de amigos.

Um perfume confessa a uma folha de verão que não entende como os barcos se quebraram. E uma cor em cima de uma gota de água diz a uma lágrima que se acha muito abatida.

A um canto da sala, o vento que sopra do mar e o verde da folha de uma laranjeira comentam o naufrágio.

Quase todos entre os trinta e os quarenta anos, lamenta-se a lua. Uma tragédia sentida, acrescenta

alguém.

A alegria do tamanho de uma garça diz a uma flor da buganvília que é preciso recolher os inéditos do poeta. E a água da manhã comenta com uma ave das margens do rio que é estranho os corpos não aparecerem.

## DO MESMO AUTOR

Conhece Ana de Sá e publica

- Pareciam Anjos em vassouras  
os seus novos companheiros

\* Edit. Lua Vaga, Lisboa, 1979

- Meu Coração e Eu

\* Edit. Lua Vaga, Lisboa, 1979

- Gostosamente hagiógrafa

\* Edit. Lua Vaga, Lisboa, 1980

Autoriza a publicação da obra  
completa de Ana de Sá

\* Fenda Edições, Coimbra, 1982

Conhece José Bebiano e publica

- Para cá das Aves I \* Ed. Lua Vaga, Lisboa, 1981

- Para cá das Aves II \* Ed. Lua Vaga, Lisboa, 1982

- Para cá das Aves III \* Ed. Lua Vaga, Lisboa, 1984

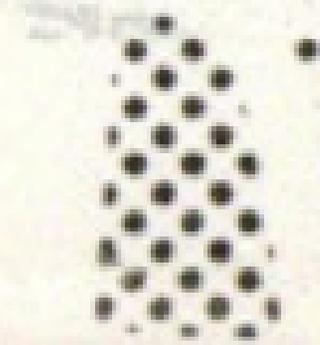
- Para cá das Aves V \* Ed. Lua Vaga, Lisboa, 1984

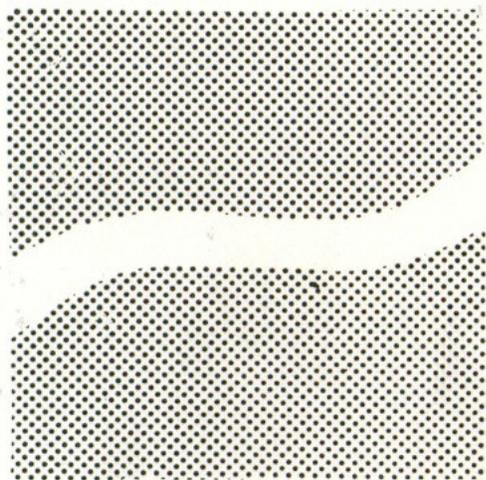
- Para cá das Aves IV \* Ed. Lua Vaga, Lisboa, 1986

- Para cá das Aves VII \* Ed. Lua Vaga, Lisboa, 1986

RIO

ARADE





## REMETENTE

DE: CARLOS MOTA DE OLIVEIRA

MORADA: RURB. PORTELA, LOTE 92-4º D  
Portela de Sacavém

CÓDIGO POSTAL

2685

SACAVÉM

## TIPO DE CORRESPONDÊNCIA:

- Carta / Lettre  
 Impresso / Imprimé  
 Livro / Livre  
 Pacote Postal / Petit Paquet

CASO NÃO SEJA ENTREGUE AO DESTINATÁRIO  
É FAVOR ASSINALAR A RAZÃO COM X:

- ENDEREÇO INSUFICIENTE  
 DESCONHECIDO  
 \_\_\_\_\_  
 NOVA MORADA: \_\_\_\_\_



01.286.03

## DESTINATÁRIO

PARA Artur Cruzeiro Seixas

MORADA: RUA VITOR CORDON 45-B  
-4<sup>º</sup> DTO - SALA H

CÓDIGO POSTAL

1200

Lisboa

**ATENÇÃO:**

Se expedir como Carta cole directamente no envelope, abaixo da fita adesiva.  
Se expedir como Impresso, Livro ou Pacote Postal cole directamente sobre a fita adesiva, para verificação postal.



MODELO 1

Amor com Arthur

Como você ainda se lembra  
de mim? E a felicidade  
em sabê-lo com mais  
uma exposição!  
Para tudo, a certeza  
abaco comovido e

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Arquivo FCS

01.256.04

desaleu factos dos le  
nostro

Para L. h. a. L. e. v. e. r. a. z.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Arquivo FCS

01.256.04

**MATE EN BOLSITAS**

**INDUSTRIA BOLIVIANA**

**COCA**

**WINDSOR**

**MATE**



**Use agua hirviendo**  
**envasado por**  
**HANSA LTDA**

INDUSTRIA BOL  
1 g. aprox.

**MATE**  
**WINDSOR**



INDUSTRIA BOL  
1 g. aprox.

**MATE**  
**WINDSOR**



Caixa Mota de Oliveira

REMETENTE - EXPEDITEUR

Nome - Nom

Caixa Mota de Oliveira

Endereço - Adresse

Urb. Portela, n.º 5 - 4 DTD

Portela

Código Postal  
Code Postal

2685 - LRS

Assinalar com X - Signaler avec un X

Correspondência  
Lettre

Livro  
Livre

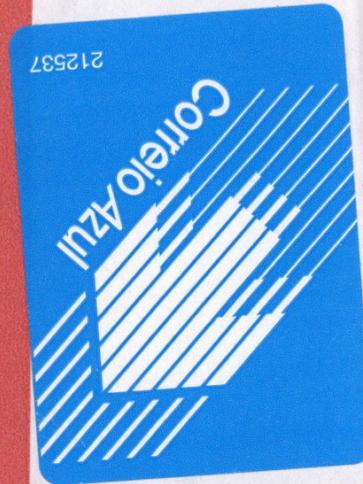
Caso não seja entregue ao Destinatário é favor assinalar a razão  
En cas de non-livraison prière de signaler la raison

Endereço Insuficiente  
Adresse Insuffisante

Desconhecido  
Inconnu

Mudou-se  
Déménagé

Peso Máximo Recomendado  
1 kg



Parceiro Nacional do UEFA EURO 2004™

06.256.04

20/4/2004

DESTINATÁRIO - DESTINATAIRE

Nome - Nom

ARTUR CRUZBEIRO SEIXAS

Endereço - Adresse

Fundação Cupertino de Miranda  
Praça Cupertino Miranda - Apartado 71

Código Postal  
Code Postal

4764-968 V. N. Famalicão

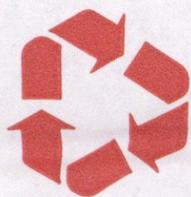
173 4.04

B 375

**ATENÇÃO** - Se expedir como:

**Correspondência** - Cole directamente na saqueta abaixo da fita adesiva.

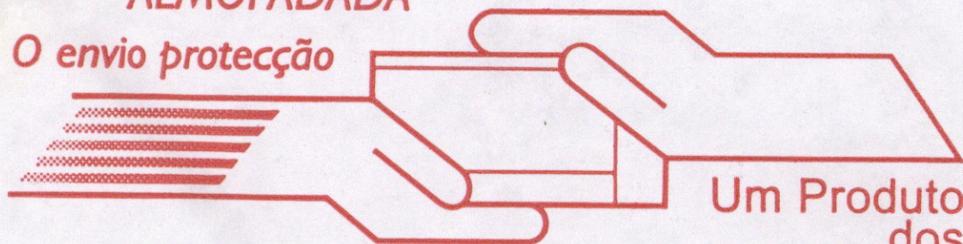
**Livro ou Outros** - Cole directamente sobre a fita adesiva, para verificação postal



*“Os Correios de mãos dadas com o Ambiente”*

**SAQUETA  
ALMOFADADA**

*O envio protecção*



Um Produto  
dos



**CTT CORREIOS**

Saqueta SA1  
611019